

Antologia Poética - Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 31 de outubro de 1902, em Itabira, Minas Gerais, região rica em ferro, veja o que o poeta diz sobre a cidade que fez famosa mundialmente em seus versos:

**"Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas. (...)"**

("Confidência do itabirano")

Fez seus primeiros estudos em Minas Gerais. Em 1918, ingressou como interno no Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus, em Friburgo, sendo expulso no ano seguinte, após um incidente com seu professor de Português.

Formou-se em Farmácia, mas em Itabira vivia das aulas de Português e Geografia. Em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, assumindo um cargo público no Ministério da Educação.

A partir da década de 1950, Drummond passou a dedicar-se integralmente à produção literária; além de novos livros de poesias, contos e algumas traduções, intensificou seu trabalho de cronista. Drummond morreu no Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1987.

É o poeta da dura realidade das coisas e dos homens. Chamamos de não-porosa esta característica de retratar a realidade.

Leia o poema e o texto abaixo para compreender melhor por que Drummond é um poeta importante:

José

E agora, José?

**A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?**

**Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?**

**E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio, - e agora?**

**Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?**

**Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse....
Mas você não morre,
você é duro, José!**

**Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?**

E agora ,José?

José Saramago

Há versos que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas- ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, por um desses misteriosos acasos que fazem do que viveu já, do que vive e do que ainda não vive, um mesmo nó apertado e vertiginoso de tempo sem medida. Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: "E agora?" Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atônitas. "E agora, José?" Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que pareciam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente afirmar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

Mas outros Josés andam pelo mundo, não o esqueçam nunca. A eles também sucedem casos, desencontros, acidentes, agressões, de que saem às vezes vencedores, às vezes vencidos. Alguns não têm nada e ninguém a seu favor, e esses são, afinal, os que tornam insignificantes e fúteis as nossas penas. A esses, que chegaram ao limite das forças, acuados a um canto pela matilha, sem coragem para o último ainda que mortal arranco, é que a pergunta de Carlos Drummond de Andrade deve ser feita, como um derradeiro apelo ao orgulho de ser homem: "E agora, José? .

Precisamente um desses casos me mostra que já falei demasiado de mim.

Um outro José está diante da mesa onde escrevo. Não tem rosto, é um vulto apenas, uma superfície que treme com uma dor contínua. Sei que se chama José Júnior, sem mais riqueza de apelidos e genealogias, e vive em São Jorge da Beira. É novo, embriaga-se, e tratam-no como se fosse uma espécie de bobo. Divertem-se à custa alguns adultos, e as crianças fazem-lhe assuadas, talvez o apedrejem de longe. E se isto não fizeram, empurram-no com aquela súbita crueldade de crianças, ao mesmo tempo feroz e cobarde, e José Júnior, perdido de bêbedo, caiu e partiu uma perna, ou talvez não, e

foi para o hospital. Mísero corpo, alma pobre, orgulho ausente
– "E agora, José?.

Afasto para o lado os meus próprios pesares e raivas diante deste quadro desolado de uma degradação, do gozo infinito que é para os homens esmagarem outros homens, afogá-los deliberadamente, alvitá-los, fazer deles objeto de troca, de irrisão, de chacota – matando sem matar, sob a asa da lei ou perante sua indiferença. Tudo isto porque o pobre José Júnior é um José Júnior pobre. Tivesse ele bens avultados na terra, conta forte no banco, automóvel à porta – e todos os vícios lhe seriam perdoados. Mas assim, pobre, fraco e bêbedo, que grande fortuna para São José de Beira. Nem todas as terras de Portugal podem se gabar de dispor de uma alvo humano para darem livre expansão a ferocidades ocultas.

Escrevo estas palavras a muitos quilômetros de distância, não sei quem é José Júnior, e teria dificuldade em encontrar no mapa São Jorge da Beira. Mas estes nomes apenas designam casos particulares de um fenômeno geral: o desprezo pelo próximo, quando não o ódio, tão constantes ali como aqui mesmo, em toda parte, uma espécie de loucura epidêmica que prefere as vítimas fáceis. Escrevo estas palavras num fim de tarde cor de madrugada com espumas no céu, tendo diante dos olhos uma nesga do Tejo, onde há barcos vagarosos que vão de margem a margem levando pessoas e recados. E tudo isto parece pacífico e harmonioso como dois pombos que pousam na varanda e sussuram confidencialmente. Ah, esta vida preciosa que vai fugindo, tarde, mansa que não será igual amanhã, que não serás, sobretudo, o que agora és.

Entretanto, José Júnior, está no hospital, ou saiu já e arrasta a perna coxa pelas ruas de São Jorge da Beira. Há uma taberna, o vinho ardente e exterminador, o esquecimento de tudo no fundo da garrafa, como um diamante, a embriaguez vitoriosa enquanto dura. A vida vai voltar ao princípio. Será possível que a vida volte ao princípio? Será possível que os homens matem José Júnior? Será possível?

Cheguei ao fim da crônica, fiz o meu dever.

"E agora, José?

SARAMAGO, José. A bagagem do viajante – crônicas. 3. Ed. Lisboa: Caminho, 1986. P. 35-7.

Este texto de José Saramago explicita claramente a importância do indagar do poeta e dos homens sobre o estar no mundo e percebê-lo em suas infinitas proporções de crueldade e bondade que possuem uma igual gênese: o próprio homem.

Como poeta **humanista** hábil no lidar das palavras Drummond destacou-se como um dos maiores poetas da língua portuguesa, comparável até mesmo a um Camões ou Pessoa.

Como um ativista dos direitos humanos Drummond muitas vezes nega a influência do mundo moderno em sua obra, é o fugir do individual e o olhar para o coletivo e a solidariedade:

**"Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.**

**Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
presentes,
a vida presente."**

- ("**Mãos dadas**")

Em 1962, Carlos Drummond de Andrade selecionou poemas para a edição de sua *Antologia poética*; no prefácio, o próprio poeta explica o critério de seleção e divide os poemas escolhidos em nove grupos com "certas características, preocupações e tendências" que condicionam ou definem o conjunto de sua obra. Transcrevemos, a seguir, um trecho do prefácio(os poemas entre parênteses é grifo nosso):

"O texto foi distribuído em nove seções, cada uma contendo material extraído de diferentes obras, e disposto segundo uma ordem interna. O leitor encontrará assim, como pontos de partida ou matéria de poesia:

0 indivíduo (consolo na praia');

A terra natal (a terra natal);

A família (`a família que me dei');

Amigos (`cantar de amigos');

O choque social (Áporo);

O conhecimento amoroso ('amar-amaro');

A própria poesia (`a poesia contemplada');

Exercícios lúdicos (Quadrilha);

Uma visão, ou tentativa de, da existência (Cerâmica).

Observe a tabela abaixo para visualizar melhor a divisão de Drummond acerca de sua própria obra:

Divisão por seção	Temática
1 - O Indivíduo	O eterno conflito entre o eu e o social
2 - A terra natal	Itabira – saudades e vivências
3 - A família	Itabira e vivências íntimas do menino
4 - Amigos	Homenagem aos amigos reais ou intelectuais
5 - O choque social	A violência humana
6 - O conhecimento amoroso	O amor altruísta (como só ele poderia existir)
7 - A própria poesia	metalinguagem
8 - Exercícios lúdicos	A consequência do amar e desamar
9 - Uma visão, ou tentativa de, a existência	O estar no mundo

Em nosso material iremos analisar um poema de cada seção para que a você seja possível uma visão global das facetas deste poeta (Observe a tabela e a numeração dos poemas):

1. Consolo na praia

Vamos, não chores
A infância está perdida
Mas a vida não se perdeu
O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.

O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.
Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis casa, navio, terra.
Mas tens um cão.
Algumas palavras duras
Em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas e o humour?
A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
Murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.
Tudo somado, devias
Precipitar-te de vez_ nas águas.
Estás nu na areia, no vento...
Dorme, meu filho.

O desconsolo do poeta encontra alento na esperança de melhores dias. Observe a preocupação do poeta com o mundo ao redor as injustiças e os amores que não são eternos.

2 – A terra natal

Confidência do itabirano
Alguns anos vivi em Itabira
Principalmente nasci em Itabira
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação
A vontade de amar, que paralisa o trabalho
Vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer que tanto me diverte,
É doce herança itabirana.
De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
Este são Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
Este couro de anta, estendido no sofá de visitas;
Este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

A biografia lírica e real de Drummond reside em Itabira_ cidade que em vida adulta nunca mais voltou, mas cuja lembrança sentimental sempre reservou para si.

3 – Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
Lia histórias de Robison Crusoé,
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a
Ninar nos longes da senzala_ e nunca se esqueceu chamava para o café.

...
Minha mãe ficava sentada cosendo
Olhando para mim:
_Psui...Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro...que fundo!
Lá longe meu pai campeava
No mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
Era mais bonita que a de Robison Crusoé.

Imagens belas compõe este poema de uma maneira singular_ a família é o pano de fundo da infância do poeta.

4 – Mário de Andrade desce aos infernos

Daqui a vinte anos farei teu poema
E te cantarei com tal suspiro
Que as flores pasmarão, e as abelhas,
Confundidas, esvairão seu mel.
Daqui a vinte anos: poderei
Tanto esperar o preço da poesia?
É preciso tirar da boca urgente
O canto rápido, ziguezagueante, rouco,
Feito da impureza do minuto
E de vozes em febre, que golpeiam
Esta viola desatinada
No chão, no chão.

Homenagem ao poeta Mário de Andrade.

5- Áporo

Um inseto cava
Cava sem alarme
Perfurando a terra
Sem achar escape
Que fazer, exausto,
Em país bloqueado,
Enlace de noite
Raiz e minério?
Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)

presto se desata:
em verde, sozinha,
antieuclediana,
uma orquídea forma-se.

Nenhuma luta é vã, pois plantar o amanhã é o papel social de todos.

6 – Sentimento do Mundo

Tenho apenas duas mãos
E o sentimento do mundo,
Mas estou cheio de escravos,
Minhas lembranças escorrem
E o corpo transige
Na confluência do amor.
Quando me levantar, o céu
Estará morto e saqueado,
Eu mesmo estarei morto,
Morto meu desejo, morto
O pântano sem acordes.
Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
Anterior a fronteiras,
Humildemente vos peço
Que me perdoeis.
Quando os corpos passarem,
Eu ficarei sozinho
Desafiando a recordação
Do sineiro, da viúva e do microscopista
Que habitavam a barraca
E não foram encontrados
Ao amanhecer
Esse amanhecer
Mais noite que noite.

A guerra sempre foi alvo da crítica de Drummond, daí seu humanismo

7 – Poema-orelha (dedicado ao prof. André Lazarotte)

"Aquilo que revelo
e o mais que segue oculto
em vítreos alçapões
são notícias humanas,
simples estar no mundo,
e brincos de palavra,
um não-estar-estando, mas de tal jeito urdidos
o jogo e a confissão

**que nem distingo eu mesmo
o vivido e o inventado."**

Metalinguagem – reflexão sobre a própria arte.

8 – Quadrilha

**João amava Teresa que amava Raimundo
Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
Que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
Que não tinha entrado na história.**

O desencontro amoroso.

9 – Cerâmica

**Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
Ela nos espia do aparador.**

Este poema de influência cubista permite ver nos objetos a incorporação metafórica da inutilidade da vida.

Bem, após observarmos a temática passemos agora para a estrutura formal de sua composição:

- a. **Versilibrismo:** o uso indiscriminado do verso livre;
- b. **Prosaísmo:** adoção na poesia de processos adequados à prosa como o discurso direto, a ausência de rimas, a conversa com o leitor;
- c. **Linguagem dinâmica e irônica:** versos pequenos e concisos no significado, semelhante ao poema pílula de Oswald de Andrade;
- d. **Cenas do cotidiano:** a infância, a metrópole, Itabira e a família;
- e. **Recriação metonímica da realidade sentida:** Drummond apreende filosoficamente o mundo a partir de assuntos banais.